

A LUTA PELA EXPRESSÃO DE FIDELINO DE FIGUEIREDO

A LUTA PELA EXPRESSÃO FROM FIDELINO DE FIGUEIREDO

Fernanda Moura Pinto
Universidade do Porto, Porto, Portugal

Maria Celeste Natário
Universidade do Porto, Porto, Portugal

Resumo: *A Luta pela Expressão: prolegómenos para uma Filosofia da Literatura*, de Fidelino de Figueiredo, constitui uma importante fonte para a compreensão do pensamento filosófico designadamente acerca do fenómeno literário e da sua relação com a filosofia. Na análise que aqui fazemos, é realçada a reflexão desenvolvida pelo autor sobre a relação realidade-pensamento-linguagem, bem como sobre a angústia dos que se vêem limitados pela palavra como forma de expressão, a saber, o escritor, o crítico literário e o filósofo.

Palavras-chave: *A Luta pela Expressão*; Fidelino de Figueiredo; Crítica literária; Literatura; Filosofia.

Abstract: *A Luta pela Expressão: prolegómenos para uma Filosofia da Literatura*, de Figueiredo Fidelino, is an important source for understanding the philosophical thinking in particular about the literary phenomenon and its relationship with philosophy. In the analysis we do here, it is highlighted reflection developed by the author on the relationship reality-thought-language as well the anguish of those who find themselves limited by the word as a form of expression, namely the writer, literary critic and philosopher.

Key-words: *A Luta pela Expressão*; Fidelino de Figueiredo; Literary critical; Literature; Philosophy.

*Se eu te pudesse dizer
O que nunca te direi,
Tu terias que entender
Aquilo que nem eu sei.
(Fernando Pessoa)¹*

¹ PESSOA, Fernando, 1888-1935 (1965) – *Quadras ao Gosto Popular*. Texto estabelecido e prefaciado por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática.

Introdução

A Luta pela Expressão: prolegómenos para uma Filosofia da Literatura, de Fidelino de Figueiredo (1888-1967), constitui uma importante fonte para a compreensão do pensamento filosófico desse autor acerca do fenómeno literário e da sua relação com a filosofia². Publicada em 1944 pela Editorial Nobel, em Coimbra, reeditada em 1960, pela Ática, em Lisboa, e, em 1973, pela Cultrix, em São Paulo, a obra **A Luta pela Expressão** é definida pelo próprio Fidelino de Figueiredo como um conjunto de “notas, de pessoal ensaísmo umas delas e de pura especulação algumas outras” (1944, p. 30), oscilando o autor entre o rigor exigido pela análise criteriosa dos conceitos e certo subjetivismo que traduz, também, preocupações estéticas próprias de um literato. Anuncia ainda esta indicação do escritor uma certa dispersão temática que marca efetivamente a obra e que será acompanhada por um permanente diálogo intertextual com conceitos, teorias e figuras da literatura, da filosofia e da ciência, expressando uma assistemática mais aparente que real.

Em **A Luta pela Expressão** (1944) e ao longo de seis capítulos acrescidos de um epílogo, Fidelino de Figueiredo irá fundamentalmente refletir sobre a relação entre realidade, pensamento e linguagem, os limites da palavra e a angústia dos que por ela se vêem limitados, nomeadamente o escritor, o filósofo e o crítico, e terminará proclamando a necessidade de criação de uma “filosofia da literatura”, área emergente dos Estudos Literários que acredita proporcionar um reconhecimento da fusão entre verdade e beleza, entendendo ser o objetivo último do crítico literário.

1.

Ao refletir sobre o espírito e a função do crítico (centrando-se particularmente no crítico de obras artístico-literárias), Fidelino assume-se como um “doente da crítica”, pelo seu espírito inconformado, julgador e interpretativo, e refere-se ainda aos que sofrem da “doença da poesia”, que partilham o mesmo inconformismo. Uns e outros, doentes da crítica e da poesia, podem seguir uma via menos nobre ou outra mais elevada; no caso da crítica, ou aqueles se limitam a uma análise ligeira do objeto, ou

² Tendo em conta o propósito deste artigo, alguns conteúdos mais específicos da obra em estudo não foram considerados, como a especificação das fases da história da literatura que o autor apresenta ou a reflexão que desenvolve acerca da noção de categoria, pelo que se aconselha a leitura do texto integral, para um conhecimento mais alargado da obra.

ascendem ao plano superior das ideias, criando assim algo novo que servirá de guia. O drama do crítico, porém, é conseguir organizar esse conjunto de ideias “guiadoras” sobre uma realidade que é por natureza singular e assistemática. Daqui se perspectiva desde logo a dupla luta que o crítico enfrenta: a natureza indisciplinada do seu objeto e os limites da expressão humana.

Contudo, Fidelino de Figueiredo considera que apenas a música tem a possibilidade de ultrapassar esses limites. Na verdade, o nosso autor irá considerar que o músico a lutar contra os limites da expressão equipara-se ao herói da tragédia grega a lutar contra o destino – fatal e invencível. Apesar de tudo, ao contrário do escritor, do filósofo e do crítico, o músico é o único capaz de alcançar a vitória nessa “luta pela expressão”. Se o objetivo de toda a arte é “a criação de uma supra-realidade de refúgio e de perfeição ideal” (1944, p. 18), só a música o concretiza em pleno, por utilizar a linguagem mais livre e por isso mais apta para traduzir a dor e o desespero da impotência humana. Assim, o herói apenas vencerá a luta contra o destino se atingir o plano de uma linguagem que está para além da palavra, a música.

Enquanto o artista procura a perfeição ideal através da criação de uma suprarrealidade, o crítico procura vestígios do absoluto em cada pensamento, palavra ou obra que julga e interpreta, movendo-se, tal como o asceta, por motivos superiores do espírito e não por falsos valores de ocasião. Evidencia-se aqui a defesa da isenção do crítico face a interesses políticos ou ideologias, bem como a urgência da sua atividade no tempo que o autor redige essas palavras – um tempo de crise, entre duas guerras mundiais, e, portanto, de preparação para uma nova forma de organização entre os homens.

Assente num assumido idealismo, criticar é, para Fidelino de Figueiredo, discernir o permanente do efêmero, distinguindo assim as categorias lógicas e os arquétipos ideais de perfeição que governam o mundo – um mundo contingente e falsificado. O crítico é como o perito que “fazendo-as atravessar por um feixe luminoso, dirigido pelo endoscópio, sabe distinguir as pérolas espontaneamente verdadeiras e as cultivadas” (1944, p. 29-30). Começando pela crítica contra a injustiça e a mentira, a formulação de juízos sobre obras de arte constitui-se como uma forma mais elevada de crítica, sendo que o seu último grau corresponde ao desprendimento das obras de arte e, num estado de grande solidão, à intuição pura sobre o homem, por isso também afirmará “todos os grandes críticos são também exemplos superiores de compreensão do homem” (1944, p. 23). Mas, mesmo sem conseguir alcançar o seu derradeiro objetivo, a compreensão total de um mundo que não entende e sobre o qual só vislumbra vestígios dos arquétipos

de perfeição, este crítico, chegado ao seu limite, não consegue deixar de o tentar vencer, daí a sua agonia. Fazendo a apologia da dúvida, Fidelino de Figueiredo ataca a sociedade do seu tempo por estar mais preocupada em eliminar o espírito crítico do que a ignorância, a miséria e a injustiça. Numa sociedade com tais características, os doentes da crítica acabam por ser os mais sãos e, mesmo não podendo tudo, o poder da inteligência não pode ser desacreditado.

2.

Ao defender a ideia de que o homem deseja expressar tudo o que sente, pensa e sabe por palavras, simultaneamente uma forma de comunicação e de restrição, Fidelino realça a presença da palavra em todos os processos de construção de conhecimento, desde a ciência à especulação filosófica e à literatura. Desde que o homem se conhece e se reconhece, luta pela expressão linguística, pois, para conservar mentalmente o saber que vai adquirindo e, a seguir, o comunicar ao seu grupo social, necessita da palavra. É essa luta pela expressão através da palavra que estará na origem do fenómeno literário: se, para os linguistas, os idiomas são realidades concluídas e autónomas que respondem a uma necessidade daqueles que os falam, para os pensadores, a linguagem é o “espelho fiel do espírito que a usa” (1944, p. 35), progredindo ambos do elementar para a infinita variedade, do concreto para o abstrato, do circunstancial para a ideia, livre e intemporal, do mundo real para o suprarreal, aqui tendo início a ficção literária.

Desde as ciências e artes às mais superficiais atividades humanas, surge um “dialeto privado” e este vai ser partilhado entre os membros envolvidos nessa atividade comum, o que mostra que a linguagem é simultânea e paradoxalmente comunicação e restrição. O mesmo acontece em maior escala, se considerarmos que os idiomas unem os povos internamente, mas também os separam dos que lhes são estranhos. Conhecedor de diferentes idiomas, Fidelino entende que falar uma língua que não é nossa é como tentar mudar de alma e de aparelho fonológico. Por outro lado, os conflitos mais demolidores ocorrem entre os que possuindo espíritos diferentes falam a mesma língua, pois são os que melhor conhecem as forças e as fraquezas do outro. A propósito dessa ideia, abordará também a questão da criação de línguas universais, considerando que estas conduziram a um empobrecimento do espírito, pois a arte, a literatura e o pensamento são inseparáveis da palavra viva, e a sua construção é indissociável da luta pela expressão, sendo a música a única linguagem universal possível.

Desde que nasce, o homem começa gradualmente a compreender a realidade exterior e fá-lo através da linguagem: num primeiro momento, recorrendo à linguagem não-verbal; num segundo momento, designando com palavras cada parte que constitui o mundo circundante. Ora, designar é já distinguir e começar a compreender, formando-se assim o pensamento e a personalidade até se atingir o mais alto nível da atividade do espírito – a reflexão metafísica sobre uma realidade que ultrapassa os sentidos e a própria razão (e que a linguagem não atinge) – o patamar em que o drama da luta pela expressão se intensifica. Afirma Fidelino de Figueiredo: “nesta esfera transcendente, ainda mais que na arte literária, é que o duelo entre as ambições da inteligência e as limitadas capacidades da linguagem atinge o seu maior ardor” (1944, p. 43). Daqui decorre a necessidade de criação de uma nova linguagem, a mais abstrata de todas, mas também aquela que tem menor poder comunicativo: a matemática. Na verdade, ainda que utilizando uma linguagem pretensamente mais universal do que a da filosofia, também a ciência precisa e utiliza a palavra, quando, por exemplo, retoma palavras antigas (étimos) e cria, a partir delas, outras novas.

Para o autor de **A Luta pela Expressão** (1944), o pensamento filosófico procura humanizar o universo. Porém, para que ele próprio seja nítido e humano, precisa da nitidez das palavras, habitualmente construções individuais de cada filósofo. Desse modo, torna-se mais difícil definir a linguagem filosófica, se comparada com as restantes, uma vez que designa não fenómenos repetíveis e empiricamente acessíveis, mas fenómenos da atividade intelectual pura – como reflexões, pontos de vista, observações, pressentimentos da consciência, construções *a priori*... – apresentados materialmente pela terminologia de cada filósofo. Quanto à linguagem do escritor ou poeta, esta torna-se ainda mais difícil de definir por ser a mais individual de todas as linguagens. Adotando um vocabulário individual, o filósofo observa o geral e expressa-se na generalidade; por sua vez, o poeta/escritor observa ou adivinha intuitivamente o singular em si e nos outros, explora o irracional e o indizível e expressa-o numa linguagem comum vivida por ele de forma muito pessoal.

3.

Fidelino de Figueiredo irá refletir sobre a relação entre pensamento e linguagem a partir da discussão em torno do nascimento e evolução do *facto* linguístico e do *facto* literário como formas de conhecimento (ver capítulos 3 e 4). Sobre o *facto* linguístico, a sua abordagem é feita a partir do

problema da origem da linguagem e das línguas, apresentando uma espécie de “estado da arte” acerca dessa questão, considerada quer do ponto de vista da evolução das línguas ao longo da história, quer do ponto de vista da aquisição da linguagem na infância e seu desenvolvimento ao longo da vida. Apesar de análogos, não deixam de se distinguir os processos de aquisição de uma língua no homem primitivo e na criança, porquanto aquele parte da realidade objetiva (recebida pelos sentidos) para, num segundo momento, a expressar; a criança, ao condensar em si milhares de anos de evolução do homem, recebe desde logo a representação dessa realidade, expressa numa língua elaborada, associando assim, e de uma forma gradual, a representação e o mundo.

Dos estudos apresentados, conclui o nosso autor que a linguagem, nascendo da necessidade de o homem comunicar em sociedade, surge primeiramente como um sistema de sinais sonoros, mas também de gestos e expressões faciais. Só posteriormente, quando um sinal mais complexo e abstrato passa a representar, já não o facto singular, mas todos os que lhe eram semelhantes, é que se cria a palavra, que vai predominar sobre os restantes sinais. Aqui, alcança-se uma fase superior da linguagem, mesmo que, até ao aparecimento do facto literário, um longo processo irá ser decorrido. Apesar de reconhecer que os estudos existentes acerca da origem da linguagem e das línguas se apresentem cada vez mais científicos e menos especulativos, Fidelino considera-os ainda muito conjeturais, pois, embora se começasse a saber como se processava a produção da palavra enquanto fenómeno físico-psicológico, não era possível aceder ao momento da sua formação histórica.

4.

Acerca da origem e evolução do facto literário, supõe Fidelino que a arte literária terá nascido no momento em que o homem se surpreendeu com o efeito emotivo produzido pelas novas combinações dos elementos da língua, criadas de forma mais espontânea ou mais reflectida. E, para encontrar a génese deste fenómeno, irá defender que não se poderá procurar na mais alta literatura (cultura, escrita e assinada), mas sim na cultura popular. Apresentando novamente o que chamaremos de “estado da arte” – agora sobre a origem do facto literário e os primitivos processos literários –, Fidelino de Figueiredo vai destacar a metáfora como um dos fenómenos elementares que esteve na base do nascimento da palavra como forma de conhecimento, criada pela necessidade de compensar os limites da expressão humana, incapaz de exprimir a realidade desconhecida. É a partir daqui

que falará de outros fenómenos que se construíram, como o adágio rimado (realce da repetição de fenómenos, advertindo acerca deles através de regras de vida), a adivinha popular (promoção do diálogo entre o autor e o seu público recorrendo a hábeis estratégias discursivas como a rima, as homofonias ou as comparações que simultaneamente revelam e encobrem) e a trova (a primeira a exaltar verdadeiramente a metáfora e a promover a contemplação). Assim, a origem do facto literário estará na poesia popular, que, no seu grau mais elevado, contém já elementos primordiais da arte literária, a saber:

[...] a atitude espiritual da contemplação; a simples intuição como processo; a associação emotiva do interesse útil ou da experiência pessoal; a indissolúvel aliança dos seus dados com a palavra nalguns dos seus recursos essenciais, mas longe ainda da mobilidade e da riqueza da abstracção (FIGUEIREDO, 1944, p. 105-106).

Quando o pensamento se liberta dos limites da palavra poética, ou a matéria da forma, surgirá a prosa que, originalmente, é expressa através do conto popular.

5.

Representam a parte mais longa e, também, a mais significativa da obra em análise de Fidelino de Figueiredo os capítulos “Especulação e conhecimento literário” e “Criteriologia e literatura”. Neles, o autor se irá debruçar sobre as relações da filosofia e da arte com o conhecimento, explorando uma ideia já referida: a constante presença da palavra na especulação filosófica (agora ao longo da história da filosofia) e o modo como a filosofia se assume como uma luta pelo absoluto e pela sua expressão, bem como a comparação da metafísica com a arte literária, por partilharem ambas o mesmo objetivo último (o de proporcionar novos dados sobre o homem), apesar de distinto o método que cada uma adota.

De novo reconhece a impossibilidade de acesso à origem da palavra enquanto modeladora do pensamento e demonstra a presença da palavra num conjunto de filósofos que, desde a Antiguidade Clássica à Contemporaneidade, recorreram à palavra para expressar o seu pensamento³. Para o nosso autor, na obra em análise, o pensamento

³ Fidelino considera, inclusivamente, que Platão e Bergson são figuras relevantes não só para a filosofia como para a literatura, por serem ambos criadores de metáforas e símbolos, de

culmina na expressão verbal e numa crítica direta aos logicistas do seu tempo (embora não os nomeie, pensamos naturalmente no positivismo lógico, também denominado de empirismo lógico ou neopositivismo de autores como L. Wittgenstein). Fidelino defenderá que desverbalizar o pensamento humano, isto é, pensar não por palavras, mas por símbolos matemáticos, leva à sua desumanização. Com o desenvolvimento da ciência, a especulação metafísica, cuja utilidade prática é vista como nula pela população em geral, perde prestígio, indo ao ponto de, em países como a Rússia ou a Espanha, a filosofia ter sido eliminada das instituições de ensino no princípio do século XX. Ainda assim, a filosofia não desapareceu, sofrendo de resto uma importante reabilitação por autores como Bergson e Husserl, que, afastando-se do cientismo em voga, procuraram justamente restaurar a metafísica. Na verdade, apesar da crise da filosofia do final do século XIX e início do século XX, originada pelo desenvolvimento do positivismo, para Fidelino, a especulação filosófica continua viva pelo que, não se limitando à linguagem matemática, mantém a sua ligação com a palavra. Assim, como sempre o fizeram e independentemente do seu estilo, os filósofos continuam a lutar por construir conhecimento, fixando o núcleo das suas ideias através de palavras centrais (como a “relatividade restrita” em Einstein ou o “existencial” em Heidegger), as quais, apesar de tudo, serão sempre pouco acessíveis. Afirma Fidelino:

[Os filósofos] São casos pessoais de ansiedade intelectual de luta pelo absoluto, uma dramática luta para atingir o absoluto por meio da especulação sobre as intuições que faz cada um ou crê fazer – e que mal se podem expressar. Uma dupla luta pelo inatingível e pelo indizível. E essa impotência da razão e essa impotência da palavra pouco mais permitem do que a criação de barbarismos [...] (FIGUEIREDO, 1944, p. 126-127).

Comparando o filósofo ao músico na sua luta pelo absoluto e pela expressão, o autor de **A Luta pela Expressão** (1944) distingue-os pela linguagem a que cada um recorre para se expressar: enquanto este utiliza uma linguagem universal, aquele expressa-se numa linguagem hermética, acessível apenas a alguns. Apesar da dificuldade de aplicação prática de um sistema filosófico e da insolubilidade dos temas que a filosofia procura resolver, Fidelino defende a sua importância, como forma de humanizar o ser humano, reconhecendo ser pela filosofia que o homem busca o infinito e assim se assume como algo mais do que matéria orgânica, mesmo que o infinito seja impossível de aceder. Sempre ligada ao pensamento, em todas as

histórias fingidas, e se expressarem através de belas palavras, palavras cujas potencialidades, particularmente no caso de Bergson, são exploradas até o limite.

suas dimensões, a palavra atinge a sua maior glória na especulação filosófica, constituindo-se aí também o seu maior drama, por se revelar de forma mais evidente a impotência que lhe é inerente, assim afirmando: “a palavra é um valor humano, nasceu da experiência humana para expressar a mentalidade humana; não pode expressar valores universais ou cósmicos, aos quais essa mente humana também não atinge” (1944, p. 131).

Estabelecendo-se um paralelo entre a metafísica e a arte literária, conclui-se que ambas organizam conhecimento, não o conhecimento proposicional – impessoal, intemporal e inespacial – de fenómenos repetíveis, mas o conhecimento enquanto compreensão de fenómenos singulares e não sistematizáveis em leis científicas, aquelas que projetam todo o ser e toda a irracionalidade do homem sobre a realidade que conhece. Realça-se neste ponto aquilo que Fidelino já tinha defendido em obras anteriores, nomeadamente em *Últimas Aventuras* (1941b): a distinção entre saber e compreender, dois processos mentais que estão na base dos dois tipos de relação que é possível estabelecer entre o espírito humano e a realidade objetiva. Na verdade, os contactos entre alguma especulação filosófica e a mais alta literatura são vários, desde o objetivo de ambas à utilização de belas palavras como meio de expressão.

Considerando ainda os dois tipos de conhecimento apresentados, Fidelino defende que a nossa apreensão da realidade se apresenta sempre deformada, o que acontece por partir de uma estrutura cognitiva e de uma condição humana limitadas que tendem a humanizar tudo a que acedem. Tal como aquele que escreve memórias, também o filósofo procura descrever a realidade de forma isenta, sem, contudo, nunca o conseguir fazer, pela impossibilidade de desligar-se da sua visão subjetiva. Sendo assim, a realidade absoluta que subjaz aos fenómenos aparentes e que existe em si mesma, o númeno kantiano, é inacessível ao ser humano e por isso ser-lhe-á sempre desconhecida. Para Fidelino de Figueiredo, como para Kant, o homem só consegue aceder àquilo que lhe aparece, os fenómenos. Ora, só é possível preservar essa aparência através de sinais, particularmente das palavras, que, sendo os mais abstratos, são também os mais expressivos de todos os sinais. Quando o homem é capaz de apreender uma parte da realidade e expressar essa apreensão, vence quer a “batalha do conhecimento” do mundo externo quer a “batalha da expressão”.

Relativamente à estrutura cognitiva que permite ao homem apreender o mundo externo, Fidelino debruça-se sobre o conceito de categoria e sua história, bem como sobre o duelo com que se debate o homem entre categorias lógicas e categorias gramaticais. Quer umas quer outras tendem

para o ideal, para a essência, mas as primeiras, conceitos do entendimento puro, apresentam-se como universais e uniformes; as segundas, por sua vez, têm sempre uma origem empírica e são particulares e distintas em cada língua. Acrescentando a palavra aos dois conceitos kantianos de espaço e tempo, o autor considera que, enquanto estes se podem fundir num só e transformar-se num algoritmo abstrato e independente do ser humano (Fidelino lembra a noção de espaço-tempo de Einstein), a palavra é irreduzível e traduz a marca da visão humana sobre a realidade. Qualquer pensamento se reflete verbalmente, mas tal como é limitada a apreensão da realidade pelo pensamento, a transposição da ideia para a palavra também o é. De qualquer modo, para aceder ao pensamento, também ele de natureza inalcançável, será necessário interpretar as palavras e as frases, uma vez que estas conservam vestígios da actividade intelectual. O melhor exemplo dos limites da expressão é a dificuldade em nomear a essência de Deus, com todos os seus atributos, apesar de todos os nomes criados pelos filósofos (Criador, Absoluto, Uno Supremo, Suma Essência...). A palavra Deus, um sinal sonoro ou gráfico, no segundo caso, escrito com maiúscula, um nome comum masculino singular, não deixa nunca de ser uma construção humana, criada a partir daquilo a que o homem consegue aceder empírica e intelectualmente, não traduzindo, portanto, a ideia de Deus, a qual, reconhecida apenas através da música, irá escapar sempre a qualquer palavra gramatical.

Para Fidelino, também a literatura pode ser uma forma de conhecimento: sempre que procura compreender o homem e o mundo humanizado e expressar verbalmente as suas intuições. Note-se que a intuição do artista não elimina a emoção e a irracionalidade para melhor compreender o mundo, pelo contrário, recorre a elas. Para exemplificar de que modo a literatura também é uma forma de conhecimento, o autor afirma que a angústia da existência humana foi tratada, antes dos filósofos, pelos poetas, e defende que muitos filósofos foram simultaneamente artistas, tais como Soren Kierkegaard e Miguel de Unamuno. Quanto ao método de demonstração da verdade da arte literária, Fidelino entende que é muito próprio, sendo através da construção de uma ficção, uma história fingida, de uma suprarrealidade, que a visão pessoal do artista se expressa. Esse mundo novo confronta o mundo real e imperfeito, denunciando-lhe os erros ou desvelando tendências íntimas.

Então filosofia e literatura aproximam-se por partilharem o mesmo drama da expressão, mas distanciam-se pelo caminho que seguem: na filosofia, a inevitabilidade da palavra constitui uma condição que limita, porque impede o acesso ao absoluto, o objetivo do pensador é libertar-se da

confusão da linguagem e, por isso, cria um dialeto específico que traduza os conceitos da forma mais abstrata e impessoal possível; na literatura, pelo contrário, a limitação da palavra, ilógica e imperfeita, assume-se como a própria essência da arte literária, pelo que aquilo que pretende o escritor não é transpor conceitos abstratos em palavras, mas tornar pessoais as suas intuições. Para ele, a palavra não é um sinal convencional, não é absoluta nem abstrata, mas um valor emotivo, um instrumento vivo, repleto de experiência e dor, rico pela sua musicalidade e o seu poder de evocação.

Para Fidelino, o drama final da expressão consistirá na impossibilidade de o leitor de cada época, ainda que partilhando a mesma dor humana do escritor, aceder ao que este escreveu, referindo-se aqui o autor à questão da recepção da obra de arte, isto é, à forma como a obra é recebida e reproduzida pelo público, a sua caixa-de-ressonância. Voltando a um assunto que tratara na obra **Aristarcos** (1941a), publicada em 1939, Fidelino considera que, para se entender um artista, devem conhecer-se os seus três meios: o meio em que cresceu, o meio social ou de valores que cria na sua obra e, não menos importante, o meio, ou os meios, que recebem a obra e a compreendem. Fidelino recorre ao **D. Quixote** (2004) de Cervantes para exemplificar a ideia de que as diferentes épocas leem as obras de forma distinta, não alcançando muitas vezes e, durante muito tempo, a sua verdadeira dimensão. As obras têm, pois, um crescimento próprio e, com a distância, hoje é possível nos concentrarmos na pura essência dessa imortal novela, reconhecendo no seu autor a intenção de “ajustar de contas” com o mundo e com a vida (expressão que Fidelino já utilizara anteriormente), ao criar uma suprarrealidade impregnada de um real imperfeito que será por nós melhor compreendido depois de lermos o *Quijote*.

6.

Uma nova área da epistemologia, a criteriológica, surge como o estudo dos vários critérios de verdade. Analisando a história das ideias e recorrendo a exemplos concretos (sobretudo no campo da política), Fidelino apresenta os principais critérios de verdade que têm vigorado ao longo dos tempos, nomeadamente o do senso comum e o da autoridade. Ao analisá-los criticamente, conclui a geral falta de espírito crítico e volta a apontar o dedo à sociedade que o rodeia e, em particular, à classe política, pela dificuldade que tem em discutir as questões de uma forma profunda, verdadeiramente crítica e objetiva.

Também na literatura é necessário encontrar um critério de verdade, pois é fundamental definir um padrão de beleza que permita ao historiador e ao crítico literário distinguir o valor de cada obra. Ao longo da história, consoante os movimentos culturais, têm sido várias as propostas apresentadas para resolver essa problemática questão, como a fidelidade aos clássicos do Neoclassicismo, ou, já no Romantismo, a fidelidade ao espírito nacional. Ora, também Fidelino apresentará um possível critério global de avaliação, reafirmando algo que já defendera anteriormente:

Sendo a arte literária uma forma do conhecimento em compreensão por meio dos dados da intuição, uma forma de conhecimento do homem individual e do homem social e das suas relações com o cenário do universo, conhecimento expresso em ficção emotiva ou em criação de uma supra-realidade verbal, será superiormente verdadeira ou bela ou valiosa aquela obra que mais dados intuitivos novos nos ministre, na mais emotiva, mais simples e ao mesmo tempo mais relevante expressão imaginosa ou ficcionista (FIDELINO, 1944, p. 180).

A obra de arte será, então, tanto mais verdadeira ou bela (note-se que o autor identifica esses dois valores) quanto mais revelar sobre o homem e, simultaneamente, mais marcante e emotiva for a forma como as palavras expressam essa revelação. Fidelino afirma aliás que “a beleza mais não é que uma vestimenta de esplendidez expressiva da verdade” (1944, p. 191).

Se, durante muito tempo, coubera, sobretudo, à França, a reflexão sobre o problema do critério de verdade e de beleza, nas décadas que antecediam a publicação de **A Luta pela Expressão** (1944), afirma o seu autor, a partir de Emil Ermatinger e dos seus discípulos, era a Europa Central que vinha a dedicar-se a esse tema, procurando resolver uma questão anterior, nomeadamente a definição dos elementos essenciais que configuram a obra poética ou literária. Encontrados esses elementos, definir-se-ia com facilidade o critério de verdade: quanto mais próximo da essência da poesia, mais valioso seria o texto literário. Fidelino analisa alguns exemplos apresentados por autores que procuraram os elementos que constituem a essência da obra literária (e consequentemente os critérios de verdade) como a decomposição dos conceitos sugeridos pela impressão estética causada pela obra, ou, num outro extremo, a interpretação do tecnicismo fonético e sintático do poeta. Fidelino irá concluir a dificuldade do problema e a variedade e limites das soluções apresentadas, defendendo então a importância de se criar uma nova área dentro dos Estudos Literários, a que chamou de “criteriologia literária” e que deverá surgir no seio de uma “filosofia da literatura”.

A ideia de uma “filosofia da literatura”, a que Fidelino já se havia referido em *Últimas Aventuras* (1941b), embora não sendo original do século XX, enquanto reflexão sobre os critérios de beleza e de verdade em arte literária, surge apenas em 1932, nos congressos internacionais de história literária moderna na Hungria e desenvolvido pela escola de Ermatinger, cujos trabalhos de investigação foram interrompidos pela Guerra Mundial. Ao procurar o fundamento estético da literatura, a filosofia da literatura pretende encontrar um medidor de beleza que permita a construção de juízos de valor estéticos que ultrapassem a subjetividade do gosto. O que fará concretamente a filosofia da literatura será identificar os critérios de beleza na literatura, analisá-los em confronto com a epistemologia em geral, transformá-los em critérios de verdade e comprová-los experimentalmente, avaliando a recepção das obras pelos seus leitores, quer pelos especialistas (críticos e historiadores da literatura), quer pelos leitores. Em última instância, será no confronto com o público em geral que o conteúdo das obras realmente se expande e o conhecimento que produz se torna significativo ou não, se comprova ou não, pelos que o leem e interpretam. No entanto, recordemos o caso de *Quijote* e a forma como a leitura das obras se torna mais plena com o passar do tempo.

A ficção literária expressa, pois, a singularidade da existência, à qual se acede (ainda que nunca integralmente) através da tal suprarrealidade criada pelo escritor, pelo poeta, correspondendo a sensação estética à descoberta da verdade em palavras universais, entre os que falam a mesma língua⁴. Sendo assim, acreditava o autor, torna-se imperioso que os critérios de juízo estético permitam captar as consequências que a obra de arte literária pode provocar nos seus leitores, concretamente a sua capacidade de libertação e ascensão da sensibilidade, revelada em diferentes momentos⁵. Detentora de uma “força ascensional”, a “poesia é liberdade criadora”, afirma Fidelino (1944, p. 195), apesar dos seus limites (que já conhecemos). Contudo, tais limites, concretamente o enraizamento de cada obra no contexto em que nasce, no seu espaço e tempo e no seu idioma, não têm uma conotação negativa para Fidelino, pelo contrário: para o autor, as literaturas desenraizadas têm menos valor por serem mais efémeras.

⁴ Como o conhecimento o era para Kant, universal entre uma humanidade que partilha a mesma estrutura, mas relativa a essa mesma humanidade.

⁵ Refere-se Fidelino, desde logo, ao ato de criação da obra, pelo qual o poeta se liberta das próprias emoções e ideias bem como dos limites do seu idioma, assim como ao ato de leitura, quando os leitores das obras reveladoras, ao contactarem com a ficção literária, enriquecem o seu espírito ou, se quisermos, se afastam do mundo sensível para melhor o conhecerem ou, pelo menos, melhor adaptarem a sua mente a essa realidade.

Em oposição ao que defendiam Hume e Kant, que aplicaram aos juízos estéticos as suas teorias gnosiológicas e por isso defenderam que aqueles deveriam consistir na identificação dos elementos universais e racionais presentes nas obras de arte particulares, Fidelino considera que a crítica não deve criar sobre a obra de arte juízos sintéticos *a priori* (universais e necessários), mas, sim, juízos sintéticos *a posteriori* (particulares e contingentes), que nos permitem compreender uma parte, ainda que singular, da realidade.

Em síntese, a importância de se considerar o público que lê e recria a obra de arte para a elaboração de um critério de juízo, a necessidade de se reabilitar a forma “como condição substancial da arte literária e da elaboração do pensamento e do conhecimento literário” (1944, p. 198), bem como a importância de se diferenciar as obras realmente reveladoras das medianas são as principais consequências da teoria que Fidelino desenvolveu. A primeira dessas consequências pode significar a impossibilidade de uma crítica imediata a uma obra literária jovem, e a segunda conduz à defesa do ensino da estilística que permitiria reconhecer a luta que o ser humano trava com a palavra.

Defendendo que o estabelecimento de um critério de juízo estético obrigaria sempre a uma análise comparativa de critérios de verdade, também será necessário considerar que a verdade pode ser encontrada para além da ciência. A verdade fidelineana englobará, pois, não apenas a descrição mais ou menos fiel dos fenómenos naturais, mas a compreensão do homem e de uma realidade humana que é tudo, menos universal e necessária. Ora, definir um critério único de verdade aplicável a toda a arte literária, um princípio guiador que unifique a verdade e a beleza, ainda que seja um ideal, por ventura, inatingível, será o grande objetivo da articulação da crítica literária com a filosofia. Mesmo que este constitua um limite da crítica, não será tempo perdido, pois, segundo Fidelino, “conheceremos melhor os domínios da inteligência, quando tocarmos as suas fronteiras em todas as direcções” (1944, p. 204).

Este conceito novo da arte literária, o de “filosofia da literatura”, vai assim envolver a renovação da crítica e a constituição de uma criteriologia com vista à unificação dos juízos estéticos. Como especificará em **Diálogo ao Espelho** (1957), em resposta às críticas que a sua proposta suscitou, Fidelino de Figueiredo defende que o método para a constituição de uma criteriologia literária passará por recolher os critérios de medição da beleza e do valor estético das obras, propostos pelos grandes críticos, identificar esses critérios nas obras literárias e compará-los nas suas raízes, alcances e

universalidade. Para Fidelino de Figueiredo, o critério de verdade/beleza na arte literária consistirá no reconhecimento da aliança da emoção com um fundo perenemente revelador (verdade).

Conclusão

Sem nenhuma ordem aparente, Fidelino de Figueiredo vai refletindo sobre temas diversos, desde o papel do crítico literário, a origem da relação entre linguagem e pensamento, a presença da palavra em todas as atividades e humanas e processos de construção de conhecimento, a relação entre o escritor de obras literárias e o filósofo, às noções de criteriologia literária e de filosofia da literatura, introduzindo ainda outras temáticas como a do Romantismo, da música, da política, das categorias filosóficas, entre tantas outras. Salientamos, nesta obra, o paralelismo que o autor procura estabelecer entre a atividade do escritor, do filósofo e do crítico literário que é capaz de reconhecer a verdade na beleza da obra de arte, procurando sempre compreender o mundo e o homem, assim possibilitando uma maior luz sobre a sua existência. Apesar da angústia gerada pela impossibilidade de aceder ao impensável e ao inefável, Fidelino de Figueiredo nunca se conforma com as fronteiras do conhecimento. Eis, em suma, o que poderemos dizer de um extenso trajeto dedicado aos Estudos Literários, iniciado em 1912, com **A Crítica Literária como Ciência** (1920), **A Luta pela Expressão** (1944) e a proclamação de uma “filosofia da literatura”, o último patamar de investigação sobre o fenómeno literário, o mais complexo, abstrato e global.

Referência bibliográficas

CERVANTES, Miguel de. **Don Quijote de la Mancha**. Edición, introducción y notas Martín de Riquer, ilustración Salvador Dali. Barcelona: Planeta, 2004.

FIGUEIREDO, Fidelino. **A Crítica Litteraria como Sciencia**. 3. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1920 [1912].

_____. **Aristarchos**: Quatro conferencias sobre Methodologia da Critica Litteraria no Departamento Municipal da Cultura de São Paulo – Brasil. 2. ed. revista e precedida de dois estudos de Tristão de Ataíde. Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes, 1941a [1939].

_____. *Últimas Aventuras*. Rio de Janeiro: A Noite, 1941b.

_____. **A Luta pela Expressão**: prolegómenos para uma Filosofia da Literatura. Coimbra: Nobel, 1944.

_____. **Diálogo ao Espelho**. Lisboa: Guimarães Editores, 1957.

_____. **Música e Pensamento**: quatro ensaios marginais e um prólogo. 2. ed. Lisboa: Guimarães Editora, 1958 [1954].

PESSOA, Fernando. **Quadras ao Gosto Popular**. Texto estabelecido e prefaciado por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática, 1965.

Fernanda Moura Pinto, Maria Celeste Natário
A luta pela expressão de Fidelino de Figueiredo
Submetido em: 2016-04-16
Aprovado em: 2016-04-26